

## O MEDO NO ESPAÇO URBANO: CONTEXTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

**Bibiana Conceição Rezende**  
orcid.org/0000-0001-9969-7562

Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP)  
E-mail: bibianarezende.c@hotmail.com

**DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6510>**

**Resumo:** Diferentes sensações compõem e são percebidas no espaço, o medo é uma delas. Essa sensação pode estar presente nos mais diversos componentes do espaço público, desde sua arquitetura e estética, em um contexto histórico e, até mesmo, em um governo. Como contexto histórico o Brasil presenciou uma onda de medo que se instalou em muitos brasileiros durante as eleições de 2018. Apesar de envolver um aspecto geral da sociedade o medo será diferente de acordo com o contexto social de cada indivíduo, sendo aqueles que compõem as minorias sociais os que comumente se sentem mais inseguros no espaço urbano público.

**Palavras-chave:** Espaço Urbano; Medo; Eleições; Mulheres.

## THE FEAR IN PUBLIC SPACE: HISTORICAL AND SOCIAL CONTEXTS

**Abstract:**

Diferent feelings compose and are realized in space, fear is one of them. This feeling may be present in several public space components, since their architecture and aesthetics, in a historical context and even in a government. As historical context Brasil witnessed a fear wave that settled in many Brazilians during 2018's elections. Although it involves a general society aspect the fear will be different according to the social context of which one individual, being who belongs to the social minorities the ones who commonly feel more insecure in urban public space.

**Keywords:** Public Space; Fear; Elections; Women.

## EL MEDO EN EL ESPACIO URBANO: CONTEXTOS HISTÓRICOS Y SOCIALES

**Resumen:**

Diferentes sensaciones componen y se perciben en el espacio, el miedo es una de ellas. Esta sensación puede estar presente en los más diversos componentes del espacio público, desde su arquitectura y estética, en un contexto histórico e incluso en un gobierno. Como contexto histórico, Brasil presenció una ola de miedo que se instaló en muchos brasileños durante las elecciones de 2018. Apesar de involucrar un aspecto general de la sociedad el miedo será diferente de acuerdo con el contexto social de cada individuo, siendo aquellos que componen las minorías sociales los que comúnmente se sienten más inseguros en el espacio urbano público.

**Palabras-clave:** Espacio Urbano; Miedo; Elecciones; Las Mujeres.

## Introdução

O espaço não é estável, não é neutro, não é uma superfície inerte. O espaço é mutável e se modifica através do tempo pela sociedade, assim como modifica a própria sociedade. Dessa forma o espaço é capaz de exprimir sensações, sendo o medo uma delas, comumente relacionado ao espaço público.

Diversos fatores presentes no espaço, sobretudo no espaço público, o qual será aqui abordado, podem exprimir o medo ou a sensação de insegurança, podendo estar relacionado à arquitetura, a fatores de ordem característica da sujeita e do sujeito ou até mesmo ao contexto histórico ou político social do momento.

Quanto contexto político social será utilizado como recorte o período das eleições de 2018 no Brasil, sendo um momento em que sentimentos e emoções se encontravam acentuado em um aspecto geral da sociedade. Quanto à especificidade da sujeita e do sujeito em questão, será considerada o ser mulher relacionado ao espaço público, sendo esse, muitas vezes, uma representação de perigo para a mulher, dentro de uma sociedade machista.

## Medo, espaço público e contexto histórico

O espaço possui a capacidade de nos transmitir sensações, seja por sua arquitetura já previamente planejada para tais transmissões, seja devido a um contexto histórico amplo ou até mesmo um contexto particular que diz respeito a uma sujeita ou sujeito em questão. Porém o contexto de um momento também pode causar tais sensações.

Hutta (2009) aborda o sentimento de medo ou segurança, sendo o sentimento de segurança usualmente relacionada à ausência do medo. Porém tais sentimentos são, na verdade, a maneira como a sujeita ou o sujeito em questão irão se relacionar com o meio, com o espaço. Se utilizando de Foucault, o autor trata o sentimento de segurança como um *dispositif*, um dispositivo.

In its evaluation, the Senate of Berlin makes some statements that are symptomatic of the discourse on feelings of safety and the fear of crime, which is closely related to the politics of community safety: feelings of safety are considered an autonomous problem, independent of crime rates; low feelings of safety or fear of crime are related to ‘visible forms of crime’ and “inhospitable surroundings”; interventions are called for in order to raise feelings of safety. (HUTTA, 2009, p. 253).

Aqui o autor relata o caso de Berlim, onde o sentimento de medo ou de segurança é considerado como algo individual, independente dos índices que fundamentam ou não tal medo, como o aumento do crime em determinada área. Podemos compreender tal individualização do sentimento como uma maneira de eximir as autoridades da responsabilidade.

A partir disso é possível utilizar-nos de um recorte temporal e espacial para entendermos como exemplo do que o autor apresenta, para isso abordarei o período das eleições presidenciais no ano de 2018 no Brasil de maneira breve. Comumente eleições são compostas por disputas entre partidos compreendidos como “de esquerda” e como “de direita”, sem adentrar em tal mérito, as eleições de 2018 representou para muitos um momento tanto de esperança quanto de medo.

Por um lado, a esperança de que os resultados das eleições propiciariam que o país caminhasse em direção a saída de uma crise política e econômica que se estabeleceu, sobretudo, no ano de 2016 após o impeachment da então presidenta Dilma Roussef. Por outro lado, o medo que direitos sociais duramente conquistados no recente reestabelecimento da democracia fossem perdidos, bem como de uma ameaça à própria democracia.

Nesse cenário que combinava medo e esperança os discursos de ódio ganharam repercussão e foram se acentuando com o caminhar das campanhas eleitorais. Se utilizando de sua posição o então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, proferia falas de cunho racista, machista e homofóbico, bem como ataques à classe econômica mais pobre do país. Através de suas falas e posicionamentos Bolsonaro foi responsável por incitar ou ascender sentimentos de preconceito e intolerância em muitas brasileiras e brasileiros, movidos por um conservadorismo que tanto surgiu para alguns quanto voltou à tona naqueles que o deixara escondido ou disfarçado.

Respaldados por um político candidato à Presidência da República essas brasileiras e brasileiros se sentiram à vontade para destilar sua intolerância e preconceito, seja no espaço virtual da internet, ou no espaço real, representando um *habitus* emocional através da corporificação das emoções relacionadas ao contexto social daquele momento.

Foi possível observar a crescente onda de medo e insegurança que assolou muitas brasileiras e brasileiros que se posicionavam contrários ao então candidato Jair Bolsonaro, onda essa que era alimentada a cada discurso do candidato ou a cada notícia sobre agressões

à integrantes de movimentos sociais, integrantes da oposição e LGBTQ+. Observamos então o medo que se retroalimentava, por vezes incorpóreo, sem uma representação física de perigo, porém, que se intensificava a cada notícia.

Outros fatores de ordem conjuntural também podem ser identificados como causadores do sentimento de medo e insegurança, como por exemplo, a imigração. Por vezes, tendo como condutor a política de migração que cada país adota, imigrantes são compreendidos como ameaças, o que pode ser até mesmo usado como tática pelos governantes. Vejamos o caso dos EUA, no governo Trump, onde os imigrantes passaram a ser considerados como grandes inimigos do país, significando até mesmo riscos.

Nesse momento de campanhas eleitorais, ao qual estou aqui me referindo, saliento a migração de venezuelanas e venezuelanos que imigraram para o Brasil visando fugir da crise política e econômica que se instalou no país, passando a ser vista como ameaça a já também instaurada crise brasileira. Tal migração foi utilizada como plataforma da campanha eleitoral de Bolsonaro que alimentava a xenofobia através de seus discursos.

Voltando a Hutta (2009), o autor apresenta que dispositivos de segurança são comumente identificados, sobretudo em governos neoliberais.

The fact that new forms of exclusion and control get articulated in terms of safety and fear not only is an effect of generalised “concerns about personal safety” but announces a change regarding urban spatialisation as well as regarding the relation between governmental actors and subjects. (HUTTA, 2009, p. 253).

Apesar de não se tratar de um governo de fato neoliberal, mas sim conservador com facetas econômicas liberais, é possível notar tal contexto apresentado pelo autor tanto na candidatura quanto no governo de Jair Bolsonaro, que veio a se tornar Presidente da República após vencer as eleições em 2018. Bolsonaro não representou ou representa perigo direto às minorias sociais que o temem, de fato não irá infringir a segurança pessoal destes de maneira direta, porém a atmosfera de medo e insegurança advém de seus atos e se encontram instaladas nos espaços públicos.

A palavra alemã *Geborgenheit* que Hutta (2009) utiliza, possibilita compreender que o sentimento de segurança está relacionado ao espaço. Traduzido do alemão, *Geborgenheit* significa segurança, porém seu real significado ultrapassa a maneira simplória de sua tradução. Compreende o sentimento de segurança como um acolhimento, de se sentir seguro, que está espacial e territorialmente relacionado, ou seja, o espaço como componente essencial para o sentimento de segurança.

*Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico), n. 12, v. 5, p. 148-157, jul/2019. ISSN: 1984-1647.*

No oposto de tal significado temos o medo ao qual estou me referindo, o medo que sujeitas e sujeitos pertencentes a grupos específicos, como LGBTQ+, mulheres, negros, indígenas e até mesmo pessoas ligadas a movimentos sociais presenciaram e seguem presenciando em algum nível referente ao que o governo de Bolsonaro lhes representa, o medo do espaço público, o medo que é alimentado pelo medo de outrem.

Bannister e Fyfe (2001) também abordam o medo, neste caso específico voltado ao espaço urbano, comumente relacionado ao crime e tendo como consequência a dificuldade de convivência e a própria vivência do espaço urbano. O medo referente ao espaço urbano não se dará, segundo os autores, da mesma forma em todos os cidadãos, ele irá se diferenciar conforme as especificidades da sujeita e do sujeito, por exemplo, quando se trata de um homem ou uma mulher, ou quando se trata de uma pessoa negra ou branca, nesses casos o que causa o medo também irá se diferenciar.

Por exemplo, uma figura masculina em um espaço público tende a gerar mais medo em uma mulher, bem como para um jovem negro, a figura de um policial pode representar o contrário do sentimento de segurança, considerando a conjuntura de um país como o Brasil que possui um racismo estrutural e institucional. Outro atenuante será o próprio espaço, a familiaridade da sujeita e do sujeito em questão para com este e até mesmo sua estética podem inferir medo a uma pessoa que não esteja familiarizada com o mesmo.

O medo no espaço urbano possui também motivações de ordem econômica e política: “*Why fear matters in these environments has less to do with the social and psychological impact on individual citizens and more to do with the way it has a negative impact on patterns of investment in the city.*” (BANNISTER e FYFE, 2001, p. 810).

O medo e ansiedade são também maneiras de controle da sociedade. Muitas vezes, como apontam os autores, táticas de proteção como muros, portões e cercas, que são adotadas para proteger o interior do exterior geram ainda mais ansiedade e medo, pois pode ser interpretado como um alerta de perigo. Dessa forma, assim como já foi apontado, vemos que o medo pode ser o alimento do medo, ou que o medo de uns e as formas como esses encontram de se proteger do perigo que temem, pode gerar medo em outros.

Essa expressão de medo que o espaço urbano pode apresentar pode não ser de maneira irracional, por vezes objetos e arquiteturas se encontram presentes para representar momentos históricos, mas também para lembrar de um sistema opressor. Batista (2014) aborda a estética da cidade do Rio de Janeiro no século XIX como sendo uma estética que

expressa o medo, por conter o que chama de arranjos estéticos da tortura da escravidão, como por exemplo, os pelourinhos.

O cenário imposto pelo Império às ameaças republicanas tratava de garantir a unidade e a questão da territorialidade. Já se desenhava ali um dos embates da *cidadania* no Brasil: a questão do acesso à terra. Esta arquitetura do medo, erigida principalmente a partir das rebeliões da década de 30 do século XIX, reformavam a configuração no Brasil da *gigantesca instituição de sequestro*: dos alagados, favelas e vilas-miséria aos cárceres apinhados e campos férteis e improdutivos cercados e guardados contra os sem-terra. (BATISTA, 2009, p. 204, grifos do autor).

Dessa forma, os arranjos estéticos cumprem o papel de demarcador territorial no tempo presente, mas também como referência ao poder e opressão em um contexto histórico. Tal arranjo estético surtirá uma sensação diferente, dependendo, como já apontado, da sujeita ou do sujeito. Uma pessoa negra, por exemplo, consciente de suas raízes e do período de horror que foi o período de escravidão no Brasil para o povo negro, ao se deparar com um pelourinho em uma praça, não irá compreendê-lo como um simples arranjo estético histórico, consciente de seu significado poderá lhe infringir medo, tristeza ou até mesmo revolta, diferindo do que poderia causar a uma pessoa branca.

### **Medo, espaço público e mulheres**

Compreendendo que o medo e a sensação de insegurança poderão diferir de acordo com as especificidades da sujeita e do sujeito adentro a questão do medo das mulheres em relação ao espaço público. Para tal me utilizo de Koskela (1997) a qual aborda o medo que as mulheres sentem do espaço público, apresentando um estudo realizado com mulheres da Finlândia, onde através de entrevistas a autora buscou compreender como os espaços públicos eram por elas percebidos.

O espaço público é negado às mulheres através de uma construção social, onde lhes é “advertido” que tais espaços oferecem perigos e por isso devem ser evitados, porém acaba por se caracterizar como uma questão dual: as mulheres que têm medo de estarem nos espaços públicos, sobretudo sozinhas, e por isso o evitam têm menos chances de ser alvo de algum tipo de violência – sendo no caso das mulheres o estupro o que mais se mostra como um risco – porém ao se evitar tais locais, reafirma-se a periculosidade destes para as mulheres, reforçando o status de risco. Portanto, o medo que as mulheres possuem dos espaços públicos podem reduzir o número de ataques, porém não diminui o risco do ataque.

Outra contradição está no fato de que os homens são as maiores vítimas da violência nos espaços públicos, porém as mulheres são as que mais têm medo desses espaços. Isso me leva a pensar que tal medo tanto se trata de uma construção social para que as mulheres se restrinjam aos espaços privados, quanto também serve como alimento para os casos de violência contra as mulheres que ousam estar nos espaços públicos, como uma punição, uma “lição” para que aprendam que o lugar delas é dentro de suas residências e caso ousem sair desacompanhadas – de um homem, pois aos olhos da sociedade machista apenas a presença de um homem é considerada como uma companhia de fato – sofrerão as consequências.

Ressalto ainda que as mulheres tão longe se encontram de estarem seguras no espaço privado de suas residências, pois a maioria das agressões contra as mulheres são caracterizadas como violência doméstica. A questão da violência contra as mulheres nos espaços públicos me parece então mais como uma forma socialmente construída e acordada de culpabilizar as mulheres pela violência que sofrem.

A autora também apresenta que as pessoas mais oprimidas são as que mais se sentem amedrontadas, enquanto grupos ou comunidades que se sentem mais fortalecidos e empoderados se sentem mais confiantes em viver os espaços públicos (KOSKELA,1997). Dessa forma, é possível identificar quais os grupos ou as características individuais das pessoas que se sentem mais impelidas a evitar os espaços públicos devido ao sentimento de medo que tais espaços lhes causam: mulheres, negros e gays, em sua maioria. O que nos leva, mais uma vez, a compreender que os grupos que se sentem confiantes em vivenciar os espaços públicos assim se sentem quando se trata de espaços que já lhes são familiares e costumeiramente vivenciados.

As mulheres entrevistadas por Koskela (1997) mostraram que não têm medo de estar nos espaços públicos, até mesmo que têm muita propriedade de que a cidade as pertence, então não haveria motivo para o medo. Porém, o embasamento teórico da autora demonstra que as mulheres tendem a demonstrar coragem e força, como uma forma de se proteger de um possível risco. Ou, podemos entender também como a forma como as mulheres encontram de vencer o medo, construído e alimentado socialmente, deve-se salientar, já que terão de estar nos espaços públicos.

Resta saber à qual classe social essas mulheres pertencem, por exemplo, se são mulheres pobres, trabalhadoras, pois mulheres que compõem essa classe são forçadas a

vencer tal medo e se encorajar para estar nos espaços públicos, seja por trabalhar neles ou estar neles durante sua locomoção. Essas mulheres então são forçadas a negar a construção social que as avisa que os espaços públicos lhes oferecem riscos, e nessa negação ao mesmo tempo em que “desdemonizam” o espaço público também se colocam em risco.

As entrevistadas também levaram à autora a questão de que quando há a consciência do risco, o medo pode ser contido através de pensamentos racionais, dando mais confiança, ou uma sensação forjada, pois não é natural, caso fosse o medo não seria se quer uma possibilidade e não haveria a necessidade de construir um pensamento racional para dar motivos para não senti-lo. Porém, de qualquer forma, tal racionalidade oferece a confiança necessária para que essas mulheres estejam nos espaços públicos apesar dos riscos aos quais são advertidas.

Algumas das respostas vindas das entrevistas que Koskela (1997) realizou sugerem que há algo incutido no ser mulher que lhes dá a capacidade de julgar se uma situação ou um homem oferece perigo ou não. Isso se assemelharia a uma pré-condição genética, porém onde termina uma característica genética feminina e onde começa a construção social em torno das características que as mulheres têm ou deveriam ter? Mais uma vez isso soa como uma maneira de culpabilizar as mulheres por possíveis – ou previsíveis? – casos de assédio, onde a mulher deveria, devido a tal capacidade de distinção comportamental, antecipar um possível assédio.

Uma *bold walker*, como a autora denomina, seria uma mulher que se sente confiante no espaço público, que toma aquele lugar como sendo legitimamente seu. Porém, mais uma vez me questiono: quem é essa mulher? Qual sua cor, sua classe social e sua origem? Será que a mulher negra da periferia poderia se sentir tão confiante no centro da cidade ou em uma área empresarial? Creio que tal confiança seja resultado de processos referentes a determinados contextos que devam ser considerados nas análises quando se trata de seres sociais e suas vivências espaciais.

Ao final, a autora nos leva a pensar que uma vez que o medo de estar nos espaços públicos que assombra muitas mulheres seja algo construído socialmente, bem como reforçado também socialmente, viver esses espaços, mesmo sendo eles nos negado, é uma forma de romper, aos poucos tal construção, tal tabu. Trata-se de uma situação inversamente proporcional, quanto mais as mulheres se privam de viver os espaços públicos por conta do

medo, mais esse “risco” é reforçado, a meu ver, também como uma punição para aquelas mulheres que ousam estar nesses meios.

Assim, tomando esse raciocínio, as mulheres devem “tomar” os espaços públicos, impor sua presença e mostrar que aquele espaço é tão dela como de qualquer homem e assim agir na desconstrução da relação entre espaço público e risco para as mulheres. Porém, penso que a questão se encontra para além dessa “tomada” do espaço público pelas mulheres, esta seria apenas uma etapa na desconstrução de um machismo estrutural que permeia a sociedade e embasa tais construções sociais.

## **Conclusão**

Ao longo do texto foi possível vermos que sensações individuais podem estar relacionadas em um contexto mais amplo, que o tempo-espaço é capaz de incutir sensações em grupos sociais, em sujeitas ou em sujeitos. Trazendo como recorte o período das eleições de 2018 no Brasil para dialogar com autoras e autores que abordam o medo no espaço público vemos que esse momento expressou um habitus social, incutindo em muitas brasileiras e brasileiros a sensação de medo.

Como dispositivo de segurança esse medo que se expressou nas sujeitas e sujeitos de maneira individual, porém advindo de um contexto social amplo, foi ignorado por aquele que representava a figura que transmitia tal sensação. O então candidato Bolsonaro se eximiu da culpa em mais de uma ocasião quando questionado sobre a onda de medo que atingiu muitas brasileiras e brasileiros, desconsiderando a posição de poder e liderança que lhe cabia durante as eleições. Destaquemos que os ataques verbais proferidos por Bolsonaro e as sujeitas e sujeitos que se sentiam por ele ameaçados era em sua maioria minorias sociais – minoritariamente representadas socialmente, não em quantidade – mulheres, negros, indígenas e LGBTQ+.

Dando sequência ao tema medo no espaço público urbano compreendemos que as mulheres são as principais sujeitas nesse diálogo. Tal medo foi considerado ao longo do texto como socialmente construído, como mais um dispositivo de controle da mulher dentro de uma sociedade machista para privá-la do espaço público e restringi-la ao espaço privado.

Dessa forma concluímos que o medo e o espaço urbano acabam por ser compreendidos, muitas vezes, como pares, como um inerente do outro, sendo alimentado

pela estética do espaço urbano, pelo contexto histórico e social, mas, sobretudo, como um meio de tornar o espaço público menos acessíveis a certos grupos sociais.

## Referências

BANNISTER, J.; FYFE, N. Fear and the City. **Urban Studies**, vol. 38, n. 5-6, p. 807-813, 2001.

BATISTA, V. M. O império do medo. In: \_\_\_\_\_. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: Dois tempos de uma história**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

HUTTA, S. J. Geographies of Geborgenheit: beyond feeling of safety and the fear of crime. **Environment and Planning D: Society and Space**, vol. 27, p. 251-273, 2009.

KOSKELA, H. Bold Walk na Breakings: women's spatial confidence versus fear of violence. **Gender, Place and Culture**, vol. 4, n. 3, p. 301-319, 1997.

### Sobre a autora – Informações prestadas pela autora

#### **Bibiana Conceição Rezende**

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT - Unesp Presidente Prudente. Licenciada e bacharelada em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Ourinhos. Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho.

### Como citar esse artigo

REZENDE, Bibiana Conceição. O medo no espaço urbano: contextos históricos e sociais. In: **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)** - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.148-157, jul, 2019. DOI: 10.33416/geoatos.v5i12.6510.

Recebido em: 2019-05-13

Aceito em: 2019-07-04